

## Oportunismo ideológico? As relações econômicas entre a União Soviética e a ditadura militar

**PHILIPP R. L. GERHARD** \*

**Resumo.** Foram interrompidas já na administração Dutra as relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Seguindo as primeiras atividades comerciais durante o segundo governo Vargas que intensificavam-se nos próximos dois governos, estas relações bilaterais só foram reestabelecidas por João Goulart em 1961. A intensa cooperação, não só no setor econômico, mas também nas esferas culturais e políticas, deixou presunçosos os *entreguistas/direitistas* ligados tradicionalmente aos Estados Unidos. O golpe militar em 1964 piorava as relações Brasil-União Soviética, mas, ao contrário do que ocorreu com as relações com Cuba, não foram descartadas. Os EUA recompensavam a virada política e a privatização de estatais e o Brasil posicionou-se novamente como *satélite privilegiado* no hemisfério. As cooperações, porém, não foram prorrogadas e a administração Carter distanciou-se do Brasil. Começaram-se então a retomar os contatos com o bloco comunista para diversificar o comércio exterior. O suposto *milagre econômico* durante o governo Médici chamou a atenção para um *mútuo* benefício da USSR nas negociações com o Brasil. Até 1982 puderam ser registrados intensos intercâmbios tecno-econômicos entre os dois países e também a conformidade na diplomacia internacional.

O trabalho tem por objetivo mostrar exemplos dessa cooperação, predominantemente entre os setores de energia (usinas hidrelétricas, exploração petrolífera, etanol), analisar as relações do Brasil com as duas superpotências e, ligado a isso, examinar as aspirações do Estado-nação. Por isso são usadas de um lado a teoria da hegemonia gramsciana, e, de outro lado, a percepção *high modernity* de James C. Scott para compreender a dinâmica ideológica do desenvolvimentismo.

**Palavras-chave:** Brasil e a União Soviética; Guerra Fria; relações econômicas; desenvolvimentismo; obras faraônicas



\* PHILIPP R. L. GERHARD é Mestrando em História na Universidade de Tübingen, Alemanha.

### Déjà-vu na *boa vizinhança* com os Estados Unidos

O golpe de 1964 pelas Forças Armadas Brasileiras aconteceu de acordo com os Estados Unidos e, com auxílio deste país, houve o benevolente envio de navios de guerra ao Atlântico Sul para fortalecer os golpistas no caso de uma guerra civil.<sup>1</sup> A outra superpotência foi surpreendida pelos acontecimentos na noite de 31 de março para o 1 de abril.<sup>2</sup>

Os novos rumos de Castelo Branco para superar o *atraso* seguia um caminho economicamente liberal. Discursos do governo brasileiro sobre a restrição do papel dominante do Estado como ator econômico e o lançamento de reprivatizações de empresas nacionalizadas, coincidiam totalmente com os interesses das multinacionais estadunidenses.<sup>3</sup> Eram essas intenções do novo governo e não as da política exterior – como o realinhamento aos Estados Unidos – que causavam as críticas mais frenéticas da União Soviética. Especialmente depois, com as aquisições de estatais brasileiras, parecia que o imperialismo estadunidense estava em marcha na América Latina.<sup>4</sup> Mesma na questão cubana, o general alinhava-se com os Estados Unidos e rompeu as relações diplomáticas com Cuba já um mês depois sua posse.<sup>5</sup> Em troca, os EUA *recompensavam* o governo brasileiro com a correção dos rumos na

administração política e, em dezembro de 1964, manteve um subsídio de 250 milhões de dólares anuais à disposição.<sup>6</sup>

Embora o governo manifestasse sua congruência de interesses com a comunidade ocidental e rejeitava um “neutralismo convencional”, ao lado do rompimento com Cuba não aconteceu nenhuma transformação profunda da Política Exterior Independente. A declaração de Castelo Branco sobre a manutenção de contatos com o bloco comunista<sup>7</sup> deveria tornar-se verdade. Quatro meses após a tomada de poder pelos militares, várias delegações de Estados real-socialistas hospedaram-se numa conferência internacional no Rio de Janeiro. Engenheiros russos elogiam os progressos do Brasil no campo da engenharia civil.<sup>8</sup> Cinco semanas depois, o jornal *Última Hora* queixou-se da discricção oficial sobre o envolvimento crucial de especialistas estrangeiros nas obras ligadas na extração de petróleo, por exemplo: “[a] imprensa toda publicou, na época, a ÚLTIMA HORA também, o resumo do relatório dos engenheiros soviéticos sobre as pesquisas petrolíferas da Petrobrás. [...] O nacionalismo da Petrobrás agora chega a ser engraçado.”<sup>9</sup> Em nível ministerial permanecia o contato. Em 1965 o ministro Roberto Campos visitou a União Soviética, ratificou um tratado de comércio negociado ainda durante o governo Goulart e adicionalmente foi decidido firmar um novo tratado feito

<sup>1</sup> United States Navy: Operação Brother Sam, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 529f.

<sup>2</sup> SPITZCOVSKY, Jaime: URSS ignorava ‘ofensiva imperialista’, in: Folha de São Paulo - 17.03.1994, 4.

<sup>3</sup> LEACOCK, Ruth: Requiem for revolution, 233-235.

<sup>4</sup> PRIZEL, Ilya: Latin America through Soviet eyes, 12f.

<sup>5</sup> MRE: Rompimento com Cuba, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 532f.

<sup>6</sup> TAFFET, Jeffrey F.: Foreign aid as foreign policy, 116-118.

<sup>7</sup> BRANCO, Humberto de Alencar Castelo: Política externa do governo, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 535-537.

<sup>8</sup> Última Hora - 10.08.1964: Russo elogia técnica brasileira de pontes, 2.

<sup>9</sup> Última Hora - 17.09.1964: ‘Autorizo’ da SUMOC ameaça aniquilar indústria nacional, 2.

assim em 1966.<sup>10</sup> Todavia, o número de interações restava baixo e uma reaproximação fracassava simplesmente de interesse mútuo.<sup>11</sup>

Humberto Castelo Branco conseguiu entregar um país economicamente estável ao seu sucessor Artur da Costa e Silva. A eleição passiva de Costa e Silva e a aprovação do Ato Institucional Nº. 5 (AI-5) endurecia o desenvolvimento de um governo extra-constitucional para uma ditadura militar institucionalizada. Em resposta às maciças violações dos direitos humanos por tortura e esquadrões de morte e, ainda, pelo fato de a maioria dos programas de ajuda estar em fase de encerramento, os EUA cessavam os pagamentos previstos para o ano de 1968.<sup>12</sup>

Costa e Silva desfazia a linha política de seu antecessor e restabelecia o desenvolvimento marcado por um forte Estado na economia. Com a diplomacia da prosperidade, o Brasil diversificava seus contatos internacionais, primeiramente com a Europa ocidental e Japão.<sup>13</sup> No outro lado da cortina de ferro revelava-se uma desideologização das relações internacionais iniciada pelo novo secretário-geral Brejnev que tentava integrar a União Soviética à divisão do trabalho internacional às custas da desistência do teoria dos dois mercados mundiais de seu antecessor Khrushchov.<sup>14</sup> E ainda, o benefício mútuo estava na agenda com a

“tendency to give greater priority to Soviet domestic needs”, ao invés de fazer uma cara propaganda intencionada para obter alianças políticas.<sup>15</sup> O período glacial entre os dois regimes não acarretou em um rompimento efetivo como no caso de Cuba. As crescentes insatisfações dos Estados Unidos e o retorno do desenvolvimentismo na presidência Costa e Silva preparavam uma base para um futuro melhoramento nas relações com a União Soviética, que também estava mudança.

### **Know-how soviético nas obras faraônicas**

Dando continuidade na política de Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência em outubro de 1969. O governo Médici é marcado, de um lado, pela supressão dos princípios do estado de direito durante a ditadura militar no Brasil, sendo por isso essa época chamada de *anos de chumbo*; e, de outro lado, graças ao sucesso econômico, é também esse período referido como *milagre econômico*.<sup>16</sup> Esse êxito econômico despertou interesses da União Soviética para um benefício *mútuo* de relações econômicas mais estreitas e, assim desde 1970, cresceu nitidamente o volume comercial entre os dois países.<sup>17</sup> No âmbito de mudança da embaixada soviética para a nova capital Brasília, a antiga missão diplomática no Rio de Janeiro foi reativada como sede do escritório comercial soviética mantendo o seu estatuto diplomático.<sup>18</sup>

<sup>10</sup> MILLER, Nicola: Soviet relations with Latin America, 173.

<sup>11</sup> TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union, In: VARAS, Augusto (Hg.): Soviet-Latin American relations, 233.

<sup>12</sup> LEACOCK, Ruth: Requiem for Revolution, 248-250.

<sup>13</sup> CERVO/BUENO: História da política externa do Brasil, 343.

<sup>14</sup> BRUN/HERSH: Soviet-Third World relations, 154f.

<sup>15</sup> BRUN/HERSH: Soviet-Third World relations, 136.

<sup>16</sup> FAUSTO, Boris: Kurze Geschichte Brasiliens, 295f.

<sup>17</sup> TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union, 234f.

<sup>18</sup> MRE: Atos internacionais bilaterais. Acordo sobre o estabelecimento de um escritório, para

O golpe contra Salvador Allende no Chile em 1973 paradoxalmente contribuiu para um melhoramento das relações entre a URSS e os militares governantes da América Latina, porque ambos os lados não estavam mais vinculados à sua própria propaganda.<sup>19</sup> Nos anos posteriores, as forças armadas latino-americanas não eram mais percebidas como um bloco monolítico de pretorianos fiéis aos Estados Unidos, mas sim como instituições politicamente bastante heterogêneas.<sup>20</sup> Desde então, tanto Nixon quanto Brejnev adquiriram importância nos auxílios militares em lugar de econômicos. Começando em meados dos anos 1970, o exercício de poder pelos militares não foi mais percebido ilegítimo pela União Soviética; pelo contrário, aspirava-se a uma “unholy alliance” com os generais.<sup>21</sup>

A recessão da economia global que se iniciava em consequência da crise de petróleo parava o *milagre*, mas não os sonhos dos militares. Ernesto Geisel, presidente do Brasil desde janeiro 1974, enfatizou as “funções supletivas da política externa” como fonte de divisas.<sup>22</sup> Não estava nos planos do governo Geisel fazer cortes nos projetos de grande escala que foram chamados de obras faraônicas pela imprensa censurada. Maiores esforços foram tomados por *deficit spending* anticíclico para alcançar a autarquia no

---

fins comerciais, no Rio de Janeiro, Brasília 1972.

<[http://daimre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1972/b\\_82/](http://daimre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1972/b_82/)> [atualização: 15.08.2015]

<sup>19</sup> TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union, 235.

<sup>20</sup> PRIZEL, Ilya: Latin America through Soviet eyes, 99.

<sup>21</sup> BRUN/HERSH: Soviet-Third World relations, 205.

<sup>22</sup> CERVO/BUENO: História da política externa do Brasil, 347.

abastecimento energético. A estatal Petrobrás, por exemplo, usou o capital acumulado durante o tempo do milagre econômico para investir em infraestrutura.<sup>23</sup> Nos Estados do Paraná e São Paulo foram construídas três refinarias que indicavam no total uma capacidade de um e meio maior do que todas as instalações existentes até aquele momento. Mesmo assim foram estatizadas entre 1971 e 1974, menos de dez anos depois o golpe contra Goulart, três refinarias.<sup>24</sup> As refinarias deviam prevenir no início a importação de produtos acabados petroquímicos e em médio prazo refinar o próprio óleo cru. Em novembro de 1974, uma fonte de petróleo de grande perspectiva foi descoberta na frente do litoral norte do estado fluminense. Mas a falta de tecnologia para exploração do Campo de Garoupa *offshore* impossibilitava a extração de quantidades significativas.<sup>25</sup> Para receber impulsos tecnológicos foi discutido se contratos de risco deveriam ser assinados com empresas estrangeiras. Numa recepção comemorativa de aniversário da Revolução de Outubro no consulado soviético do Rio de Janeiro, o cônsul mostrou grande interesse da União Soviética para cumprir um contrato de risco. De qualquer maneira, segundo o funcionário soviético, graças à extração de petróleo no Mar Cáspio a URSS tinha muito mais experiência na produção de *offshore* do que o ocidente. No mesmo artigo, o Jornal do Brasil publicou a justificativa de um engenheiro-chefe sobre o motivo de a União Soviética exportar trigo dos Estados Unidos.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> TREBAT, Thomas J.: Brazil's state-owned enterprises, 147.

<sup>24</sup> DIAS/QUAGLINO: A questão do petróleo, 212f.

<sup>25</sup> DIAS/QUAGLINO: A questão do petróleo, 128f.

<sup>26</sup> Jornal do Brasil - 08.11.1975: URSS se dispõe a participar nos contratos de risco, 17.

A exploração da capacidade hidroenergética que é comparável com as possibilidades na União Soviética era impulsionada de modo mais determinante. Na construção de barragens se usava a perícia soviética: para a represa de Foz do Arreia se adaptou *know-how* soviético que foi adquirido durante as construções das barragens de Nurek e Bratsk.<sup>27</sup> A URSS forneceu “quatro turbinas de 160mil KW, geradores e demais equipamentos, que serão instalados por engenheiros soviéticos” para a usina hidrelétrica de Capivari. Depois da instalação, porém, o Jornal do Brasil assegurou que a usina seria supervisionada somente por engenheiros brasileiros.<sup>28</sup> No final de 1974 foi anunciado que a primeira unidade de geradores em Capivara entraria em funcionamento comercial no ano seguinte. Na mesma matéria, os soviéticos divulgaram que a usina hidrelétrica de Itaipu, naquela época a maior de seu tipo, também seria equipada com turbinas da fabricação soviética.<sup>29</sup> Durante o governo Goulart uma colaboração desse jeito teria sido impossível. O ex-presidente convidou no início de 1964 engenheiros soviéticos para visitar o lugar onde Itaipu deveria ser construída mais tarde. Foi-lhe oferecido construir o projeto mais rápido do que os outros candidatos. Mas os planos fracassaram por causa da resistência violenta do



ditador paraguaio estritamente anticomunista, Alfredo Stroessner.<sup>30</sup>

Sobre a colaboração prática de especialistas soviéticos na construção da usina hidrelétrica de Sobradinho afirmou um engenheiro brasileiro:

Havia uma equipe de russos lá que trabalhava feito loucos, depois bebiam, bebiam, bebiam. E havia um cara que falava português perfeito. Soube-se depois na realidade ele era agente da KGB. Entretanto a gente nunca se referia a ele como de agente da KGB, porém era o cara que controlava tudo. Havia uma engenheira especializada em sistemas de excitação dos geradores. Nunca vou me esquecer. Era uma boa engenheira especialista em sistemas de controle e de sistemas de excitação dos geradores. Muitas vezes, a gente gozava com a designação de sua especialidade, ou seja, esse negócio de excitação.<sup>31</sup>

Tais projetos e outros não se limitaram na presidência de Médici, mas também foram almeçados no próximo governo, o de Ernesto Geisel. O que era mais claramente visto no período Geisel foram as aspirações para obter um papel de uma grande potência como Estado-nação e ligado a isso a luta para uma independência tecnológica.<sup>32</sup> Os Estados Unidos, porém, não estavam dispostos a

<sup>27</sup> MELLO/PIASANTIN: A história das barragens no Brasil, 421f.

<sup>28</sup> Jornal do Brasil - 20.11.1971: Capivari terá equipamento soviético, 14.

<sup>29</sup> Jornal do Brasil - 04.11.1974: Primeira turbina de Capivari funcionará em dezembro de 1975, 13.

<sup>30</sup> SOUZA, Edson Belo Clemente de: Contextualização política da construção da barragem de Itaipu, 35.

<sup>31</sup> MELLO, Flavio Miguez de: Entrevista com o engenheiro Mario Santos, Outubro de 2010, In: MELLO /PIASANTIN: A história das barragens no Brasil, 496.

<sup>32</sup> CERVO/BUENO: História da política externa do Brasil, 345f.



satisfazer essas necessidades. O ano 1974 constatou o início de um distanciamento das relações Brasil-Estados Unidos. Assim, os EUA não forneciam mais urânio e cessaram a cooperação científica na pesquisa nuclear; o Brasil firmou um contrato com a RF da Alemanha sobre a extração de urânio no Brasil e a pesquisa *pacífica* da energia atômica.<sup>33</sup> Os Estados Unidos temiam uma violação do Tratado de não proliferação de armas nucleares (do qual o Brasil não era signatário) porque eles acreditaram legitimamente que o Brasil aspirava a armas nucleares.<sup>34</sup> Mesmo no palco da diplomacia internacional, os diplomatas do Itamaraty defendiam em número crescente posições que não coincidiam com os interesses estadunidenses: em meados de 1974 foram estabelecidas relações diplomáticas com a República Popular da China<sup>35</sup>; cinco dias antes da própria declaração já foi reconhecida a independência angolana<sup>36</sup> e poucos dias mais tardes, a delegação brasileira na 30ª Assembleia Geral das Nações Unidas criticara o sionismo como forma de racismo<sup>37</sup>. Essa “moderate separation” com Washington sem confrontações abertas estava no interesse da União Soviética e foi observada precisamente em Moscou. Ainda mais ampla tornavam-se as cooperações com a União Soviética

<sup>33</sup> MRE: Acordo nuclear com a República Federal da Alemanha, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 589-592.

<sup>34</sup> CERVO/BUENO: História da política externa do Brasil, 369.

<sup>35</sup> MRE: Relações diplomáticas com a República Popular da China, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 588.

<sup>36</sup> MRE: Reconhecimento da independência de Angola, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 593.

<sup>37</sup> MRE: Declaração de voto na ONU sobre o sionismo, In: GARCIA, Eugênio Vargas: Documentos históricos, 594f.

depois da abertura democrática iniciada por Geisel. Assim foi abolido, por exemplo, o AI-5 e Luís Carlos Prestes, o ícone do Partido Comunista Brasileira, podia regressar do exílio.<sup>38</sup> A decifração de telegramas diplomáticos pelo KGB também contribuiu para um *entendimento* melhor.<sup>39</sup>

### **Unidos em estagnação: cooperação estreita antes o colapso de ambos sistemas**

Com João Figueiredo, o último general chegou em março de 1979 na presidência. Apesar de confrontações com a linha dura das forças armadas, Figueiredo continuava rigorosamente com a política de abertura de seu antecessor.<sup>40</sup> Mesmo do lado econômico, o presidente foi pressionado. Claramente manifestavam-se aqueles que destacavam os aspetos negativos do milagre financiado com o dinheiro alheio. O ano de 1980 marcou uma forte recessão da economia, uma duplicação da taxa de inflação e uma altíssima dívida externa. Mais do que em outras épocas, o Brasil necessitava alargar seu comércio e abrir novos mercados. Ao fazer negócios com a União Soviética, houve o boicote de trigo contra a URSS pelos Estados Unidos, sancionando assim a invasão do Afeganistão.<sup>41</sup>

À exemplo da Argentina, o Brasil invocava-se ao cumprimento de tratados assinados antes das sanções e fornecia em 1981 quase 800 mil toneladas de grãos e farelo de soja para a União

<sup>38</sup> TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union, S. 234-237.

<sup>39</sup> ANDREW/MITROKHIN: The world was going our way, 105.

<sup>40</sup> FAUSTO, Boris: Kurze Geschichte Brasiliens, 301f.

<sup>41</sup> TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union, 238f.

Soviética.<sup>42</sup> Entretanto, o Brasil tinha ascendido um exportador de trigo, a agricultura soviética, porém, sofria de seca e má coordenação, razão pela qual se fez necessária importar forragem animal.<sup>43</sup> O governo brasileiro decidiu continuar a preencher tais lacunas e fechou em 1981 um novo acordo com a URSS que liberava o país completamente da importação de soja estadunidense. Moscou, porém, triplicava seus fornecimentos de petróleo para o Brasil.<sup>44</sup> Em maio de 1981, a estatal Coalbra, fundada em 1979, assinou um tratado com a *holding* estatal soviética *Lincensintorg* sobre ajuda técnica na produção do etanol de madeira. Ao lado da tecnologia soviética de gasificação de carvão, também foi decidido enviar geólogos russos para ajudar na busca e exploração de sedimentos de carvão em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.<sup>45</sup> O clímax da aproximação com o bloco oriental inteiro e não só com a União Soviética foi a visita do ministro Delfim Netto em Moscou em julho de 1981. Na linha de acordos que abrangia o fornecimento de turbinas para a usina hidrelétrica de Ilha Grande, o garimpo de petróleo em São Paulo ou o intercâmbio de bens da agricultura brasileira para produtos químicos soviéticos, deviam ser realizados fluxos de bens no valor de dois bilhões de US\$.<sup>46</sup> Mesmo assim foram decididos executar empreendimentos conjuntos, como a construção da usina hidrelétrica

<sup>42</sup> Jornal do Brasil - 15.05.1981: Soja ainda é enviada a soviéticos, 16.

<sup>43</sup> SUNY, Ronald Grigor: *The Twentieth Century (The Cambridge History of Russia 3)*, 308.

<sup>44</sup> TURRENT, Isabel: *Brazil and the Soviet Union*, 239.

<sup>45</sup> Jornal do Brasil - 27.05.1981: Soviéticos vêm ao Brasil, 2.

<sup>46</sup> MILLER, Nicola: *Soviet relations with Latin America*, 175.

de Capanda na Angola.<sup>47</sup> Em razão das relações difíceis da América Latina com a administração Reagan, os projetos bilaterais com a União Soviética possibilitaram o Brasil atuar no palco internacional. Especialmente a *neutralidade* benevolente com o Reino Unido durante a Guerra das Malvinas contra a Argentina, revelava o continente inteiro que os Estados Unidos em caso de dúvida valoriziam mais as *special relations* anglo-saxãs do que a doutrina Monroe hemisférica.<sup>48</sup>

Mesmo que o ano de 1982 fosse marcado como clímax das relações Brasil-União Soviética, tal situação teve curta duração. Por causa dos gastos altíssimos e a crescente instabilidade monetária, começando em 1983, o Brasil sofria cada vez mais com a crise decorrente da dívida externa latino-americana. Semelhante como as suas líderes Brejnev, Andropov e Chernenko, a União Soviética caía em estagnação. Os novos estadistas, Gorbachev na USSR e José Sarney no Brasil foram ocupados com os desafios socioeconômicos de Glasnost e Perestroica ou da transição na segunda metade dos anos 80 que não deixava tempo para *fazer* uma política externa.

### Considerações finais

Apesar dos regimes diferentes, desde o segundo governo Vargas, as relações econômicas do Brasil com a União Soviética eram marcadas por uma notável continuidade: sempre quando a poderosa vizinha norte-americana não estava pronta para atender às necessidades do Estado-nação brasileiro, seja no campo econômico ou tecnológico, o país via-se obrigado a

<sup>47</sup> Jornal do Brasil - 01.08.1982: União Soviética compra 3% dos produtos que o Brasil exporta, 48.

<sup>48</sup> GARCIA, Eugênio Vargas: *O pensamento dos militares e a política externa*, 31.

diversificar seus contatos internacionais. De qualquer maneira o domínio estadunidense era uma realidade. Mas não uma hegemonia no estreito sentido gramsciano, porque o Brasil estava disposto conquistar novos mercados fora da esfera de influência estadunidense.

Especialmente na presidência de Juscelino Kubitschek tornavam-se óbvios os paralelos com a União Soviética: ambos Estados eram unidos pelo ímpeto de High Modernity<sup>49</sup>. O plano de metas centralmente dirigidas e a conquista e *domesticação* da natureza pelos projetos de grande escala, como refinarias, usinas hidrelétricas e finalmente a nova capital Brasília, deviam cumprir o sonho de um Brasil industrializado e avançado. Com este plano abrangendo todos os setores sociais, foi ideologizado pela primeira vez o conceito agora não mais puramente econômico do desenvolvimentismo. Depois a cisão liberal da presidência Castelo Branco, foi retomado esse conceito ideológico por Costa e Silva e intensificado por seus sucessores.

A questão do oportunismo ideológico sugerido no título deste trabalho não deve ser respondida positivamente nem negativamente (com um simples “sim” ou “não”). Naturalmente, a estreita cooperação entre uma ditadura militar direitista – que perseguia cada forma de oposição sem piedade, torturava ou aniquilava especialmente a resistência esquerdista – com um país real socialista parece um paradoxo cínico. Mas considerando o desenvolvimentismo ideologizado, o intercâmbio com a União Soviética (que poderia acontecer de mesmo jeito com

outro país que tivesse algo a oferecer para o Brasil) era tão somente uma consequência lógica.

#### Referências

ANDREW, Christopher/MITROKHIN, Vasili: The world was going our way. The KGB and the battle for the Third World, New York: Basic Books, 2005.

BRUN, Ellen /HERSH, Jacques: Soviet-Third World relations in a capitalist world. The political economy of broken promises, New York: St. Martin's Press, 1990.

CERVO, Amado Luiz/BUENO, Clodoaldo: História da política exterior do Brasil (Série Fundamentos 81), São Paulo: Ática, 1992.

DIAS, José Luciano de Mattos/QUAGLINO, Maria Ana: A questão do petróleo no Brasil - Uma história da PETROBRAS, Rio de Janeiro: CPDOC, 1993.

FAUSTO, Boris: Kurze Geschichte Brasiliens, Würzburg: Königshausen&Neumann, 2013.

GARCIA, Eugênio Vargas: Diplomacia brasileira e política externa. Documentos históricos 1493-2008, Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

GARCIA, Eugênio Vargas: O pensamento dos militares e a política externa. RBPI, São Paulo, n. 40, p. 18-40, 1997.

LEACOCK, Ruth: Requiem for Revolution. The United States and Brazil, 1961-1969 (American Diplomatic History), Kent: The Kent State University Press, 1990.

MELLO, Flavio Miguez de/PIASANTIN, Corrado: A história das barragens no Brasil, Séculos XIX, XX e XXI - cinquenta anos do Comitê Brasileiro de Barragens, Rio de Janeiro: CBDB, 2011.

MILLER, Nicola: Soviet relations with Latin America 1959-1987 (Cambridge Soviet Paperbacks 1), Cambridge: University Press, 1989.

MRE: Atos internacionais bilaterais. Acordo sobre o estabelecimento de um escritório, para fins comerciais, no Rio de Janeiro, Brasília 1972.

<[http://daimre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1972/b\\_82/](http://daimre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1972/b_82/)> [atualização: 15.08.2015]

PRIZEL, Ilya: Latin America through Soviet eyes. The evolution of Soviet perceptions during

<sup>49</sup> Metodologicamente fundamental para o conceito de High Modernity: SCOTT, James C.: Seeing like a State, esp. 4f.



the Brezhnev era 1964-1982 (Soviet and East European Studies 72), Cambridge: University Press, 1990.

SCOTT, James C.: Seeing like a State. How certain schemes to improve human condition have failed (Yale agrarian studies/The Yale ISPS series), New Haven/London: Yale University Press, 1998.

SOUZA, Edson Belo Clemente de: Contextualização política da construção da barragem de Itaipu. *Perspectiva Geográfica*, Cascavel, n. 1, p. 25-47, 2005.

SPITZCOVSKY, Jaime: URSS ignorava 'ofensiva imperialista', In: *Folha de São Paulo* - 17.03.1994, S. 4.

SUNY, Ronald Grigor: *The Twentieth Century* (The Cambridge History of Russia 3), Cambridge: University Press, 2006.

TAFFET, Jeffrey F.: Foreign aid as foreign policy. *The Alliance for Progress in Latin America*, New York/London: Routledge, 2007.

TREBAT, Thomas J.: Brazil's state-owned enterprises. A case study of the state as entrepreneur (Cambridge Latin American Studies 45), Cambridge: University Press, 1983.

TURRENT, Isabel: Brazil and the Soviet Union. A low-profile relationship, In: VARAS, Augusto: *Soviet-Latin American relations in the 1980s*, Boulder: Westview Press 1987, p. 230-249.